



Diná Santana de Sousa, Docente do Campus Canindé, 9 anos de dedicação ao IFCE

“Uma das maiores dores e alegria em ser mulher é, ser mulher. Uma das maiores dores em ser mulher é viver em uma sociedade estruturada no patriarcado, uma sociedade comandada por homens, onde os homens é que tem o poder, e que somos submetidas a diversas formas de violência, ou todas, de uma vez só, durante toda a nossa vida e por isso, vivemos com medo. E uma das maiores alegrias em ser mulher, é saber que nas nossas alegrias, nas nossas pequenas vitórias e dores, principalmente nas nossas dores, não estamos sozinhas, porque por trás de uma grande mulher, tem sempre outras grandes mulheres. Não só por trás, atrás, à frente, na frente, do lado, antes, depois. Então, nossas mães, irmãs, filhas, namoradas, tias, amigas e colegas de trabalho, que são nossas mulheres, né? Então, elas sabem exatamente como a gente se sente, como a gente sofre e com que a gente sonha. “

Maria Gorett Alves de Almeida, Trabalhadora terceirizada do Campus Canindé - 12 anos de atuação

“Boa tarde, eu me chamo Maria Goreti Alves de Almeida, tenho 45 anos, atuo no IFCE campus Canindé há 12 anos, não tenho filhos biológicos, mas sou responsável por um. E, as minhas maiores dores são sofrer preconceitos, e a minha maior alegria é ser mulher e poder contribuir para a vida das pessoas ser melhor. E muito obrigada por estar me dando esta oportunidade, “num” dia tão especial que é o Dia das Mulheres, me sinto muito honrada por isso. “

Maria Ozirene Maia Vidal, Docente do Campus Limoeiro do Norte ,13 anos de dedicação ao IFCE

“Boa tarde querida, muito obrigada, é um prazer responder, fazer parte da luta das mulheres no nosso sindicato. Então, como o assunto é entorno da questão da mulher, eu queria, assim, dizer inicialmente que sou muito feliz por ser mulher, por estar onde nós chegamos, nas conquistas que tivemos, mas que ainda falta muito, muitos direitos a conquistar, né? A nossa sociedade, na sociedade capitalista, ela é desigual por natureza, na sua base estrutural já tem a divisão de classes, e aí, dentro da divisão de classes, as mulheres, os pobres, os índios, os quilombolas e negros, ainda tem, uma discriminação muito grande, uma desigualdade nas condições de trabalho, nos direitos mesmo. Então, essa desigualdade profunda que ainda existe, isso ainda é uma dor. Eu entendi a dor como algo que nos desafia, então, é uma dor não só como lamento, mas, é uma necessidade, da gente se posicionar e intervir nessas estruturas, tanto na estrutura social maior, como nas pequenas estruturas. Seja dentro da família, seja na sociedade, nos movimentos sociais, no partido, no sindicato, em todos os espaços que a mulher já conseguiu chegar lá, porque é muito cedo ainda, foi um dia desses que a mulher conquistou, pelo menos, o direito de votar e ser votada. Então assim, tem muitas dores em que a sociedade perversa, a sociedade do capital, aflige diretamente a mulher e seus filhos. Uma dor muito grande que eu tenho, isso é histórico, é desse ano, é dessa realidade do Brasil, é ver mães que não conseguem, ainda, trazer o alimento para suas crianças, que não tenha moradia, que não tenha o sossego, que não tenha as condições objetivas de criar seus filhos. Essa para mim é, é não ter a creche, não ter onde deixar as suas crianças para que elas possam ir trabalhar, então, isso para mim são dores, são dores muito fortes, mas eu não perdi a esperança. As grandes alegrias, enquanto mulher e nesse cenário, é a gente perceber que muitas mulheres estão em luta, estão reafirmando suas identidades, não estão se adaptando ao mundo do machismo, do racismo, da homofobia. Então, assim, isso é uma alegria muito grande e a própria data do dia internacional das trabalhadoras, que foram as trabalhadoras que com sua luta, com seu esforço, consagraram esse dia de luta. O sentido comercial, que acha que o dia da mulher é para o homem dar flores ou chocolate, eu recebo né, trazendo as flores e os chocolates, mas não é esse sentido, essa finalidade, no qual está escrito com letras de sangue, porque foram muitas mortes, foram muitas mobilizações que veio com o reconhecimento internacional das mulheres guerreiras, é esse dia 8 de março. Então a gente se alegra para celebrar essas lutas a cada 8 de março, a cada dia que a mulher nasce e está viva, porque há também no Brasil, como você também sabe, um feminicídio gigante, e os dados estão aí para quem quiser ver, como tem sido grande as mulheres que estão sendo assassinadas. E, a gente teve um debate aqui em Limoeiro, dentro de uma disciplina que eu trabalho, eu convidei uma mulher trans., e ela deu um depoimento que eu também queria compartilhar aqui, está um pouco longa a minha fala, mas vc tira o essencial, ela disse: “ olha gente, nós temos que comemorar nosso aniversário todos os anos.”, eu fiquei tentando compreender, ai ela deu a seguinte explicação: que do fato delas morrerem tão jovens - ela deu um dado lá pra gente, que no máximo, é 32 anos que elas conseguem sobreviver.

Esse foi o depoimento da Ana Vitória, ela até foi candidata na modalidade de candidatura coletiva do Psol. E eu achei, assim, muito interessante refletir esse dado, quer dizer, há uma morte prematura, totalmente, não é que a gente deveria marcar o ano que a pessoa

deveria morrer, mas é muito prematuro. Então, é isso. Para concluir eu agradeço demais esse trabalho de jornalismo e comunicação que vocês estão fazendo, e acho que são essas as dores, é aquilo que a gente ainda não conseguiu erradicar, acabar. E as alegrias que a gente tem, é que existem mulheres que acreditam e que lutam. E no nosso sindicato nós temos guerreiras, mulheres que trabalham, que labutam, que levam seus filhos pra escola todo dia e que tentam também, principalmente, as que são casadas, ter um novo tipo de relação, nessa instituição casamento, ou não casada, companheiros, companheiras, então é isso, eu acho que a gente sai nesse ano uma reflexão do que podemos fazer para que as mulheres sofram menos, todo tipo de violência, seja física, seja psicológica, qualquer uma das modalidades de sofrimento que as mulheres são acometidas nesse Brasil, e principalmente as mulheres mais pobres.”

Lissa Mara Saraiva Fontenele, Docente do Colégio Militar de Fortaleza, 10 anos de dedicação

“As dores de ser mulher é ter que aguentar até hoje machismo, misoginia. Está tendo sempre que provar o meu valor, que eu tenho opinião, que eu consigo... isso aí é uma grande dor. E a delícia é a maternidade, só nós mulheres conseguimos carregar a vida, e essa vida se transforma em filhos e filhas maravilhosos, que a gente tem, e ao longo da nossa existência eles estão conosco. É isso.”

Maíra Nobre de Castro, Técnica-Administrativa do Campus Fortaleza, 13 anos de dedicação ao IFCE

“POEMA DA RESILIÊNCIA

É tão importante quando a gente acredita,

Que quem te julga e estigmatiza, não te paralisa.

É tão bom fazer, se refazer

Saber que devagar é melhor do que parar

Que resistir é melhor que desistir

E apesar dos defeitos, fazer do meu jeito.

Ouvir meu coração, e de tanta gente que me deu a mão,
Que me puxou, que me inspirou.
Criar não é o que faço, é o que sou.
Entender que não sou perfeita, mas saber do que sou feita,
Saber pelo que meu olho brilha,
Seja dançar com salto alto, ou cozinhar para minha família.
Esperançar, dançar.
Saber que minha feminilidade
Pode ser carregada de intelectualidade,
Feita de amigos, amores,
Ação, transgressão.
Sou feita de espiritualidade, sou de verdade.
Maíra Nobre, 14 de abril de 2021. ”

Ana Virgínia de Sousa Rocha, Técnica-Administrativa do Campus Canindé, 8 anos de dedicação ao IFCE

“Eu acredito que, não sei se a pior, mas uma dor muito grande relacionada a ser mulher, é a dor que está associada as imposições do patriarcado, como o machismo, misoginia, a exploração de mulheres e mães pelo capitalismo, falta de amor, compreensão e falta de respeito. É muito difícil a gente permanecer mentalmente e fisicamente saudável vivendo em uma sociedade que nos trata de maneira desrespeitosa. E por isso que é tão importante nos esforçarmos para que a gente mantenha a chama da nossa vida, do nosso querer viver sempre acesa, através das alegrias de ser mulher, que são aquelas associadas à nossa resistência a esses padrões impostos pela sociedade, nossa resistência através da arte, da beleza, da cultura, da política e do conhecimento.”

Lígia Gomes de Menezes, Aposentada - Atuou durante 30 anos no IFCE

As dores e alegrias de ser mulher, se definem através de um longo período de superação das dificuldades estabelecidas por uma sociedade machista, que impõe, a este ser,

mulher, várias formas de opressão, que são desencadeadas por agressões físicas e olhares opressores, desconfortantes e desconcertantes, não menos agressivos. O auto reconhecimento da capacidade de enfrentamento dos obstáculos que lhes são impostos, a conquista de novos espaços e as realizações pessoais, são elementos que devem ser vistos como motivos de alegria para a mulher.